

## ***História de Campina Grande* forjando a memória local: Elpídio de Almeida e sua representação da cidade.**

Regina Paula Silva da Silveira

PPGH-UFRN

RESUMO: O propósito deste trabalho é analisar como o livro *História de Campina Grande* escrito por Elpídio de Almeida que foi importante para construir um ideal de cidade que se tornou o discurso histórico hegemônico, discurso esse que privilegia a memória da elite local.

Para tanto, nos esforçamos em analisar como Almeida via e utilizava o espaço campinense, construindo representações da cidade e como essas criaram uma identidade local. No intuito de responder nosso objetivo, analisamos como o autor constrói em seu livro lugares de memória idealizando o passado a partir do resgate da história. Para isso Elpídio de Almeida materializa em sua escrita seu ideal de cidade ordenando imagens em seu livro que permitem lembrar o que, segundo ele, não poderia se perder. Construindo, assim, o espaço e a identidade campinense a partir da repetição dessas imagens acarretando a ligação delas à memória da população local.

PALAVRAS-CHAVE: *História de Campina Grande*, memória, tradição.

### **Introdução**

*"No nordeste brasileiro  
Na Paraíba do norte  
Existe um lugarejo,  
vila nova da rainha  
logo se tornou cidade  
oh campina pequenina  
foi crescendo, foi crescendo  
com muita prosperidade"  
(Marinês)<sup>i</sup>*

Campina Grande mais conhecida pelos seus habitantes como "Rainha da Borborema", a cidade que é a "capital do trabalho", considerada por alguns a "capital do nordeste brasileiro" e que já foi chamada de a "Liverpool brasileira" <sup>ii</sup>. Tantos adjetivos para uma cidade só, Campina Grande aparece nos discursos oficiais, nas músicas, nos versos, na história, no imaginário popular como uma cidade que não é grande só no nome, ela nasceu com o destino de ser grandiosa de ser "Rainha", cidade cheia de simbolismos e qualificações.

Segundo Sandra Jatahy Pesavento os espaços são dotados de significados que qualificam as cidades simbolicamente, as enchendo de sentidos, de cargas simbólicas que os diferencia e os identifica. Mas, ainda segundo a autora, através do

imaginário urbano (que é construído historicamente) podemos também ter sido induzidos, educados e ensinados a identificar lugares e memórias de uma cidade (PESAVENTO, 2007). A partir disto nos perguntamos se Campina é tão grandiosa como dizem, ou fomos educados a vê-la assim?

Eric Hobsbawm em seu estudo sobre as tradições nos chama a atenção para o fato de que muitas tradições que parecem ser antigas, muitas vezes são recentes ou até mesmo inventadas (1997, p. 9). Já existem alguns estudos sobre Campina Grande que discutem a questão de grandiosidade ser um mito, que foi inventado pelas elites locais. Giscard Farias Agra é um dos autores que discutem isso, mostrando que essa grandiosidade de Campina começou a ser cogitada em fins do século XIX e efetivada tanto no tocante a sua infra-estrutura como imagética e discursivamente nas primeiras décadas do século XX. Para tanto foi selecionando, em cada momento específico de sua história, elementos distintos através dos quais se podia ver e dizer que Campina era Grande (AGRA, 2007).

Na escolha do que lembrar e do que esquecer na invenção dessa tradição foi-se criando uma história para cidade que privilegiava a memória das elites campinenses, pois como já nos advertia José D'assunção Barros sobre a Memória Social se estabelecer em um espaço-tempo e sua relação com o homem, na qual se afirmam poderes da comunidade e dos indivíduos sobre si mesmos e sobre os outros (2009, p. 37.). Assim, a memória também é uma construção que está sempre em um jogo de poder, pois à medida que ela estabelece identidades assegura também a permanência de grupos. Por isso que a memória escolhida para caracterizar Campina Grande foi a das elites locais, que viram nessa invenção da tradição mais uma forma de se perpetuar no poder.

O auge da concretização dessa construção foi nas comemorações de aniversário de cem anos da cidade, em 1964, Campina Grande se preparou toda para festejar o seu aniversário, a administração pública preparou uma grande festa, presenteando a cidade com jornais, monumentos, livros, músicas, etc. É em meio a esse contexto, em 1962, que surge o livro *História de Campina Grande* escrito por Elpídio de Almeida.

Elpídio Josué de Almeida foi uma dos personagens que participou ativamente da sociedade campinense entre as décadas de 1920 a 1970, multifacetado, atuou como médico, político e historiador. Nasceu em Areia - PB, mas adotou Campina Grande - PB como sua cidade. O município o serviu de inspiração para diversos trabalhos, mas

principalmente para a escrita de seu livro *História de Campina Grande* que foi feito para homenagear a cidade no seu primeiro centenário.

Além desse livro Almeida colaborou com jornais locais como o Diário da Borborema e a Gazeta Campinense; escreveu vários artigos para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, foi um dos organizadores da Revista Campinense de Cultura<sup>1</sup>, colaborou também com a Revista Campinense, além de escrever alguns artigos para o Jornal do Comércio de Recife.

Em seu livro Almeida pretende contar a “verdadeira” história da “Rainha da Borborema”, e é nele que o autor imagina uma cidade ideal grandiosa desde sua fundação e fadada ao sucesso, e como vimos Almeida não era o único a trabalhar para o engrandecimento da cidade. É esse livro que será o foque desse artigo, aqui buscaremos discutir qual a Campina que Elpídio de Almeida imagina em seu livro e que memória ele traz à tona em seus escritos para concretizar essa cidade ideal, o que lembrar nessa história, e o que esquecer.

**“Campina Grande quem te viu e quem te vê não te conhece mais”! iii**

*“Do pequeno vilarejo veio a emancipação  
Campina foi crescendo  
Crescer sempre foi seu lema  
E hoje é campina grande  
Rainha da Borborema”  
(Marinês)<sup>iv</sup>*

Em 1889 Irineu Joffily<sup>2</sup> escreveu em seu jornal *A Gazeta do Sertão* que a grandiosidade de Campina, até então, era apenas uma aspiração e que se fazia necessário que a administração da cidade usasse de todos os meios para que essa aspiração se tornasse realidade (AGRA, 2007). Assim, vemos que a grandiosidade de Campina Grande, que a epígrafe mostra, foi cogitada em fins do século XIX e começou a ser construída (materialmente) no início do século XX, pois foi nessa época que a administração

---

<sup>1</sup> Essa revista surgiu como parte das comemorações do centenário da cidade.

<sup>2</sup> Irineu Ciciliano Pereira Joffily (Pocinhos–PB, 1843-1902) foi um jornalista, redator, político, geógrafo, advogado, juiz e promotor de justiça. Fundou os jornais Academia Paraibano (Recife, PE) e a Gazeta do Sertão (Campina Grande, PB).

municipal começou a desenvolvê-la efetivamente<sup>3</sup>. Com as melhorias feitas na cidade, principalmente a chegada do trem, possibilitou que a cidade conseguisse se desenvolver através do comércio, especialmente o de algodão durante a década de 1930 a 1940, momento em que a cidade teve seu maior progresso<sup>v</sup>.

Esse desenvolvimento que a cidade passou veio a calhar para a construção desse ideal de cidade grande que estava sendo construído em Campina, até hoje esse fato é glorificado e tomado como sendo um caminho natural da cidade, como está na epígrafe “crescer sempre foi seu lema”<sup>4</sup>. Fabio Gutemberg nos chama atenção para o fato de que a partir dos anos 60 memorialistas, instituições administrativas, a população da cidade retomam intensamente as décadas de 1930 e 1940 para explicar o principal sucesso da cidade, fazendo com que esse período seja recorrente, trazendo certas memórias que assumem uma dimensão quase mítica, embora ambígua (2006, p. 186).

Percebemos assim que é nas comemorações do centenário de Campina Grande (1964) que as elites campinenses consolidam seu projeto de construir Campina “Grande”. O centenário foi grandioso, de modo que foi aprovada uma lei que criava a *Comissão do Centenário* para realizar a festa, vemos assim que a cidade estava se preparando para o “grande” dia de 11 de outubro de 1964. Para essas comemorações a Comissão criou: a *Revista Campinense de Cultura* que contava a história da Campina, o *Lp Centenário de Campina Grande*<sup>vi</sup> com músicas que falavam da cidade, um monumento em homenagem aos pioneiros de Campina Grande (Os tropeiros, os índios e os jesuítas)<sup>vii</sup>, além de uma festa no dia do centenário.

Ainda segundo Fábio Gutemberg, essa grande mobilização para as festividades do centenário que chamou a atenção de vários olhares sobre a cidade. Assim, o centenário tinha grande valor simbólico para as elites locais, pois para eles que presenciaram o progresso da cidade durante o início de século XX essa festa vinha fechar um ciclo de “sucesso” (2006, p. 186). E por isso seu centenário foi tão comemorado, evocando e sempre reafirmando a memória dessa época áurea, porque evocava a memória dessas pessoas.

“A memória é uma construção, que não se refere apenas a um passado e a um presente, mas também a um futuro (...) de igual maneira, haverá também a manipulação

---

<sup>3</sup> O desenvolvimento da cidade ocorreu através da implantação do trem (1914), da luz elétrica (1920), da revitalização do centro da cidade - com alargamento das ruas, construção de prédios modernos, etc.

<sup>4</sup> Desse fato que surgem os principais qualificativos da cidade como “Rainha da Borborema”, “capital do trabalho” entre outros como já mostramos anteriormente.

da memória pelos projetos futuros e pelos poderes do presente” (BARROS, 2009, p. 36) essa fala de José D’assunção Barros é útil para essa discussão que empreendemos aqui, pois, vemos que nesse processo de construção da memória quem está no poder sempre quer deixar para posteridade sua memória.

Desta forma percebemos que a imagem de Campina “Grande” é uma “tradição inventada” para a cidade, que mesmo inconscientemente, serve para manter o *status quo* da elite. Segundo Eric Hobsbawm e Terence Ranger “muitas vezes, ‘tradições’ que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não inventadas” (1997, p.9). Os autores entendem por “tradição inventada” o conjunto de práticas normalmente reguladas, de natureza ritualística ou simbólica que visam firmar certos valores e normas de comportamento através da repetição (Idem). Esse conceito é amplo e pode ser entendido por a tradição ser realmente inventada ou construída e formalmente institucionalizada. Para Hobsbawm, em um mundo que está em constantes transformações às tradições são inventadas para reestruturar alguns aspectos da vida social de maneira imutável.

As mudanças na sociedade provocam a necessidade de invenção de novas tradições. Pois essas chegam a um ponto que algumas tradições antigas não cabem mais para o contexto. Assim, surgem as novas tradições que são comumente inventadas a partir de antigos elementos para novas finalidades a partir de práticas existentes e institucionalizadas, cultuando antigos símbolos, mas principalmente inserindo novos na tentativa de concretizar essa nova tradição.

Campina Grande assiste entre as décadas de 1950 e 1960 grandes mudanças, principalmente no âmbito social, por conta de seu desenvolvimento econômico, muitos “forasteiros” foram para cidade procurando oportunidades, mas nem todos conseguiram, desta forma em Campina houve um significativo aumento do número mendigos, prostitutas, delinquentes, etc., que “enfeiam” Campina Grande e que vão ser alvos da futura organização da cidade, que vai tirar do centro tudo que for feio, sujo e anti-moderno (CAVALCANTI, 2000). Campina Grande pretendia ser cosmopolita, desejando ser comparada as grandes e modernas cidades do Brasil, assim era preciso criar uma tradição para Campina ressaltando sua grandiosidade para mascarar esses problemas sociais cada vez mais frequentes e que geralmente acontece em cidades em processo de desenvolvimento (Ó, 2006, P. 43). Mostrando que esse desenvolvimento e prosperidade

da cidade muitas vezes não passavam de uma máscara impostas pelas elites, para manter seus negócios e seu *status quo*.

Dois anos antes da festa do centenário Elpídio de Almeida lança o livro *História de Campina Grande*, que foi um presente do autor para a cidade, sua obra era apenas uma em meio a uma avalanche de homenagens à “Rainha da Borborema”, inventando uma tradição de grandiosidade para a cidade, vejamos agora como isso se dá em seu livro *História de Campina Grande*.

**“O teu progresso campina construiu a tradição”<sup>viii</sup>**

*“Oficina de ilustres varões,  
Canaã de leais forasteiros,  
És memória de índios valentes  
E singelos e alegres tropeiros!  
Tua glória revive, Campina,  
Na imagem dos homens audazes,  
Aguerridos heróis de lendas  
Que marcaram as tuas fronteiras!”<sup>ix</sup>*

1962 é um ano importante para Elpídio de Almeida, nele é lançado o seu livro, *História de Campina Grande* que foi editado pela Livraria Pedrosa<sup>x</sup> e impresso em Recife, ganhou uma segunda edição fac-símile em 1978 feita pela Editora da UFPB. São 424 páginas divididas em 32 capítulos, que contemplam a história da cidade desde a sua origem até 1930, porque segundo o autor:

Esbarrei em 1930. Para escrever a história dos últimos trinta anos, fase de maior progresso de Campina Grande, teria que falar de pessoas vivas, falar de mim também, dirigente que fui do município em dois quadriênios, o que e seria incômodo e vexativo. Outros que o façam mais tarde, imparcialmente, dispondo do farto e variado material que está aí à mão. (ALMEIDA, 1078, p. 12).

Almeida acreditava que só se podia fazer uma história completa baseada nos moldes metódicos, mas mesmo não tratando em seu livro da época de “ouro” de Campina Grande, não podia deixar de mencionar, nem que fosse na apresentação do livro. Assim ele escreveu a História oficial da cidade em homenagem a seu centenário como ele menciona ainda na apresentação:

Impunha-se a elaboração deste trabalho, sem mira a prêmio ou ajuda oficial, como contribuição espontânea às festividades do 1º centenário da cidade, a comemorar-

se em 11 de outubro de 1964. Como realizá-las com afeição e ufania sem um caderno descritivo do seu passado? Sem um depoimento exato sobre os homens que a fundaram? Sem uma narrativa dos principais sucessos ocorridos em seu território, desde o tempo da fundação da aldeia, velha de quase três séculos? Aparece essa publicação para evitar falha. (ALMEIDA, 1978, p.11).

Elpídio de Almeida fazia parte da elite local, que como dissemos anteriormente, presenciaram o progresso da cidade durante o início de século XX e queriam comemorar um ciclo de sucesso em seu centenário. Mas como falar de uma tradição de grandiosidade de Campina sem uma história que relatasse essa glória, como o próprio Almeida pergunta no trecho acima. Elpídio de Almeida se presta a fazer esse importante empreendimento para a construção dessa tradição para cidade, pois, por fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e escrever a história oficial da cidade era seu “dever”.

Instituição tradicional paraibana o IHGP lançou as bases da historiografia do estado, fato que eles gostam de ressaltar, pois se colocam como um marco de ruptura entre uma Paraíba sem história para uma com história e escrita pelos paraibanos. Essa história escrita pelo IHGP queria ressaltar a grandeza do estado e de seu povo. Com um claro sentimento de vanguarda, iniciou-se a elaboração da história da Paraíba de forma mais abrangente e sistemática do que vinha sendo feito, além da localização e catalogação de fontes, cadastramento de arquivos etc. que servissem para glorificar o passado paraibano (DIAS, 1996).

Escrever a história oficial da cidade é também uma forma de manter controle sobre ele, e é através desse controle que Almeida tece a história de Campina registrando nela a memória das elites, e imaginando uma cidade sem muitas rupturas, com um desenvolvimento “natural”, pois uma cidade bem administrada tem um desenvolvimento garantido. Assim, Almeida mostra o sucesso da administração dessas elites, que desde a fundação da cidade vão perpetuando seu poder.

Em *História de Campina Grande* Almeida relata uma cidade fadada ao sucesso, traçando um perfil de glória para ela, ressaltando sempre a importância e a grandiosidade desta terra. Esses aspectos podem ser vistos já na disposição dos capítulos onde Almeida quis mostrar a evolução da cidade, ressaltando desde as primeiras linhas que Campina é grandiosa naturalmente, como podemos ver no trecho abaixo:

Não foi difícil a Teodósio dar desenvolvimento ao núcleo iniciado com o grupo dos Ariús. Dadas as condições favoráveis do sítio, a amenidade do clima, a existência de matas, a natureza do solo e, principalmente, a sua localização, ponto de passagem preferido nas comunicações entre o sertão e o litoral, cedo conseguiu atrair parentes, colonos brancos, índios mansos, com o que assegurou a prosperidade do lugar. (ALMEIDA, 1978, p.37-38)

Desde sua fundação Elpídio imagina para cidade uma espécie de *destino manifesto*, guardada suas devidas proporções, pois da forma que Almeida constrói seu texto dá a impressão que a cidade foi designada, por uma força superior a ser magnificente, mas essa descrição não podia ser diferente, já que existia essa preocupação de produzir a tradição de que campina era grandiosa e Almeida participa do projeto exaltando alguns personagens e acontecimentos.

Uma das figuras que o autor exalta em seu livro é a de Teodósio Oliveira Ledo, homem que fundou a cidade. A forma com que ele articula seus argumentos cria uma imagem de Teodósio de Oliveira Ledo como uma figura grandiosa, “Desbravador infatigável, já no ano seguinte tornava a Campina Grande, sem dúvida com o propósito de desenvolver a aldeia que fundara.” (Idem p. 37.).

Não era apenas Teodósio que tinha prestígio para Almeida, segundo o autor sua família, que foram os primeiros “donos” de Campina Grande, foram imprescindíveis para o desenvolvimento da cidade, segundo Almeida “fundara Teodósio de Oliveira Ledo a aldeia de Campina Grande. Quase um século depois. Descendentes seus foram elementos decisivos na criação da vila.” (Ibidem p. 50.).

Outro ator importante da história da cidade para Almeida foi Irineu Joffily - o homem que propôs que Campina deixasse de ser grande só no nome, dando início a criação dessa tradição de grandiosidade para cidade. Elpídio sempre que pode fala em seu livro das contribuições desse homem para cidade, sua admiração por Joffily é tanta que Almeida reserva um lugar para uma foto dele em seu livro<sup>5</sup>, Almeida o tinha como importante intelectual da cidade, homem que fundou o primeiro jornal local e que tinha ideais liberais e republicanas, que Almeida muito admirava. Segundo o autor:

Não existiram na Paraíba, na capital e no interior, órgãos ou clubes de propagandas das ideias republicanas. (...) Não ficou porém a Província totalmente deserdada de vozes anunciadoras de nova ordem na coisa pública. Campina Grande incorporou-se a êsse pronunciamento isolado. Em 1888, tendo Irineu Joffily e Francisco Retumba fundado a “Gazeta do Sertão”, jornal independente,

---

<sup>5</sup> Vale salientar que em toda obra existem poucas fotos.



começou a pregação do regime republicano. Não no início, pois os primeiros números foram reservados à defesa dos princípios do Partido Liberal (...). (Ibidem, p.220)

Assim, Irineu Joffily é visto por Elpídio de Almeida como um referencial, mais um integrante da elite local que fez questão de trazer em seu livro, é escrevendo sobre esse homem e seu jornal que Almeida descreve o período da Proclamação da República em Campina Grande, colocando em uma pessoa o peso de ter trazido essas ideias tão “importantes”, na época, para cidade e para o estado.

Mais um elemento que Almeida destaca em seu livro, mostrando a grandiosidade da cidade é o açude velho, que de 1825 até o início do século XX, foi o principal reservatório de água da cidade, o autor relata que o açude “foi o elemento que assegurou a sobrevivência da vila e depois, durante decênios, a da cidade. Servia para tudo e para todos, aos do lugar e aos de fora”. (Ibidem, P. 106.). O açude velho se tornou um símbolo da grandiosidade de Campina pelo fato de o reservatório ser um dos motivos para a passagem dos tropeiros pela cidade, esses homens traziam com eles mercadorias e paravam em Campina para descansar, e nesse meio tempo que passavam na cidade começaram a desenvolver o comércio<sup>6</sup>. Almeida descreve a importância do Açude Velho e dos Tropeiros da seguinte forma:

Campina Grande não era simplesmente um pouso, um lugar de descanso para os animais e tropeiros. Mas a estalagem, a parada obrigatória, o ponto terminal da longa caminhada. Aqui operavam-se as permutas, as trocas comerciais. (...) Tornou-se a praça dos escambos na província. Mas para que mantivesse a regalia, cabia-lhe oferecer condições aos tropeiros, dar o de que eles mais careciam: água para os animais, permanentemente, em qualquer estação do ano, em qualquer situação climática, mesmo durante as secas prolongadas. Sem isso o itinerário poderia ser desviado para a formação de outro centro de mercancia. O Açude Velho não faltava a essa exigência. Resistiu às estiagens mais inclementes. Suportou sobranceiras as secas históricas de 1845 e 1877, retendo água suficiente para acudir às urgências da calamidade. Foi a salvação de todos. Evitou o êxodo total. [...] (Ibidem, p. 107)

Desta forma Almeida vai construindo em seu livro a memória da cidade, memória essa que sempre está relacionada ao grupo que pertence, sobre essa questão Segundo José D'Assunção Barros diz que a Memória Coletiva (que pode ser os escritos, os gestos, as imagens, as festas, ritos, comemorações) não é apenas o processo de

---

<sup>6</sup> Campina até hoje é conhecida por ser uma cidade comercial, e os tropeiros se tornaram o símbolo do desenvolvimento da cidade. Tanto é que um dos presentes que a administração da Campina Grande deu a cidade em seu centenário foi o Monumento aos Pioneiros que são três estátuas em homenagem aos índios Cariris, aos Jesuítas e aos Tropeiros (símbolos do início da povoação e do desenvolvimento da cidade) localizando-se as margens do Açude Velho.

registro de acontecimentos pela experiência humana, ela é a construção de referenciais sobre o passado e sobre o presente na perspectiva dos grupos sociais que estão sempre próximos às tradições. E essa memória coletiva tem uma forte influência sobre a memória individual, pois, apesar de serem os indivíduos que realizam o ato de lembrar são os grupos sociais que dizem o que vai ser lembrado. Assim a memória histórica é produzida nos meios políticos, com vistas a determinados interesses (BARROS, 2009).

Logo, vemos que *História de Campina Grande* se torna um lugar de memória da elite campinense, pois ele traz memória da “evolução” de Campina Grande que culminou com seu auge econômico que não pode ser esquecido, pois ele sendo esquecido se esquece também o grupo que estava atrás dele, e como já discutimos, história é uma construção política, na medida que traz a tona a memória o grupo que está no poder, silenciando os outros grupos. Para Pierre Nora “os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que se chama, porque ela é ignorada.” (1993, p, 12-13).

Essa é a importância então de se interrogar sobre os mitos e tradições de um espaço, pois ao analisarmos como se dá a construção deles, podemos entender a que grupos ele se refere e que memória esse grupo quer que seja lembrada pelo povo, pois lugar de escrita é lugar de autoridade.

Elpídio de Almeida parece ter escrito *História de Campina Grande* para ela se tornar modelo, pois o livro pretende definir como se deve ver a história da cidade, estabelecendo assim a memória que deve ser lembrada, fazendo com que sempre que se pense em Campina se lembre do quanto a cidade é grandiosa, inventando uma tradição para ela, mas que na verdade busca romanticamente algo que já se perdeu.

## **Considerações finais**

*A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem. (Pierre Nora)*

Como aponta a epígrafe, a memória se faz a partir dos anseios de determinados grupos, assim o fazer história é também escrever uma memória que não pode ser entendida sem que se leve em consideração o grupo social a qual o historiador

está vinculado. Fazer história é atribuir significados, sentidos<sup>7</sup> para o amontoado de documentos que o Historiador necessita em seu *metier*, o que o historiador conta faz parte de suas escolhas, ou seja, para se contar uma história é preciso silenciar outras. É o historiador quem decide o que entra para a história e o que fica esquecido na poeira do tempo, pois um acontecimento não é história porque aconteceu e nós contamos, é justamente o contrario, aconteceu porque foi contado (Ó,2004).

Buscamos argumentar nessas páginas que Elpídio de Almeida em seu livro História de Campina Grande busca construir uma imagem de grandiosidade para cidade que faz parte de um movimento iniciado pela elite local para inventar a tradição de que Campina é grandiosa, desde sempre. Essa invenção da tradição é uma busca romântica deste seguimento da sociedade de não deixar morrer a memória de alguns anos de glória que Campina passou, anos de glória dessa elite também, por isso a necessidade de não deixar morrer na poeira do tempo essa época.

Na medida em que se cria uma tradição, principalmente através da escrita de um livro se constrói uma memória coletiva acerca dos acontecimentos passados se instaura uma forma de as pessoas verem a história do ângulo que as elites (grupo que inventou a tradição para Campina) determinam.

A memória se refere ao passado, sendo forjada através do presente se pensando no que ficará para o futuro, é nessa dialética que Almeida constrói seu livro, a partir das mudanças que estavam ocorrendo em Campina Grande entre as décadas de 1950 e 1960, percebendo, junto com seu grupo que era necessário frente a essas transformações da sociedade se criar um passado que ressaltasse a grandiosidade de Campina e a memória das elites locais.

## **Referências:**

### **Fonte:**

ALMEIDA, Elpídio de. História de Campina Grande. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.

### **Bibliografia:**

---

<sup>7</sup> Para Certeau a narrativa histórica é uma interpretação, pois é uma intervenção do historiador e para que essa versão da história seja entendida é preciso entender todo o sistema de referências que o cerca.

AGRA, Giscard Farias. Modernidade aos goles: a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande – 1904-1935. Campina grande: EDUFCG, 2010.

\_\_\_\_\_. Urbs doente medicada: a higiene construindo Campina G(g)rande, 1877 a 1935. In: XXIV Simpósio Nacional de História: História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. UNISINOS, 2007. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Giscard%20Farias%20Agra.pdf>>. Acesso em: 07/07/2012 às 13:45.

BARROS, José D'assunção. História e Memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço. Mouseion. Vol. 3, n. 5. Jan-Jul/2009. Disponível em: <[http://www.unilasalle.edu.br/museu/mouseion/historia\\_memoria.pdf](http://www.unilasalle.edu.br/museu/mouseion/historia_memoria.pdf)> Acesso em: 07/07/2012 às: 10:15.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982,

DIAS, Margarida Maria Santos. Intrépida AB Origine: O IHGP e a produção da História local (1905 – 1930). João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda., 1996.

GURJÃO, Eliete de Queiroz (Org.) Imagens multifacetadas da história de Campina Grande. Campina Grande: SEC, 2000.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1997.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>> Acesso em: 18/07/2012, as 20:31.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debrates, 2007. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/3212> > acesso em: 05/07/2012 às 08:53.

SILVEIRA, Regina Paula Silva da. Exorcizando medos em campina Grande: Elpídio de Almeida e sua História da cidade. Bacharelado em História. Campina Grande: UFCG, 2011.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945). Revista Brasileira de História. Vol. 23, n. 46.p. 61-91. São Paulo, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882003000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882003000200004&script=sci_arttext)>.

Acesso em: 07 /07/2012 às 09:55.

\_\_\_\_\_. Territórios de Confrontos: Campina Grande 1920-1945. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

Ó, Alarcon Agra do ET al. A Paraíba no Império e na República: Estudos de história social e cultural 3ª Ed. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

\_\_\_\_\_. Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de cidades – Campina Grande (1959). Campina Grande: EDUFPG, 2006.

### **Sites consultados:**

<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>

<http://www.vagalume.com.br/>

<http://pt.wikipedia.org>

---

<sup>i</sup> Trecho da música Campina Centenária de Marinês. Cf. LP “Centenário de Campina Grande” de 1964 disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/08/lp-do-centenario-de-campina-grande-em.html#.UCjmUKFIR3M>>.

<sup>ii</sup> Conferir todos esses adjetivos na descrição da cidade no site da Wikipédia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Campina\\_Grande](http://pt.wikipedia.org/wiki/Campina_Grande)>.

<sup>iii</sup> Trecho da música “Alô Campina Grande” de Severino Ramos e interpretada por Jackson do Pandeiro. Cf. <<http://www.vagalume.com.br/jackson-do-pandeiro/alo-campina-grande.html>>.

<sup>iv</sup> Trecho da música “Campina Centenária” de Marinês disponível no LP “Centenário de Campina Grande” de 1964. Cf. <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/08/lp-do-centenario-de-campina-grande-em.html#.UC1ayd2PVhs>>.

<sup>v</sup> Nessa época Campina Grande chega a ser segunda maior comerciante de algodão do mundo, atrás apenas de Liverpool, na Inglaterra. Ver mais sobre o assunto em: Ó, Alarcon Agra do ET al. *A Paraíba no Império e na República*: Estudos de história social e cultural 3ª Ed. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

<sup>vi</sup> Cf. a matéria sobre o Lp no Blog *Retalhos Históricos de Campina Grande* disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/08/lp-do-centenario-de-campina-grande-em.html#.UDNo-t2PV6g>> acesso em 14/08/2012 as 07:55.

<sup>vii</sup> Cf. a matéria sobre o monumento aos pioneiros disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/09/o-monumento-do-centenario.html#.UDNiQt2PV6g>> acesso em 14/08/2012 as 07:45.

<sup>viii</sup> Trecho da música “Campina Centenária” de Marinês. Op. Cit.

<sup>ix</sup> Hino oficial de Campina Grande de Antonio Silveira. Cf. <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/09/memoria-musical-o-hino-de-campina.html#.UC11Cd2PVhs>.

<sup>x</sup> A Livraria Pedrosa foi a principal livraria de Campina Grande de 1953 a 1994, era um espaço frequentado pelos grandes “formadores de opinião” da cidade. Foi lá que se iniciou a tradição do provimento da cultura literária. As dependências da Livraria Pedrosa foi palco do lançamento de obras de grandes mestres da literatura local, regional e nacional. Cf. <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/11/memoria-fotografica-relembrando.html>>.